

correio de COIMBRA

SEMANÁRIO - COIMBRA, 6 DE JANEIRO DE 1971 - N.º 2.482 - ANO L - (AVENÇ.)

DIRECTOR E EDITOR - URBANO DUARTE - CHEFE DA REDACÇÃO - AUGUSTO NUNES PEREIRA - PROPRIETARIE DA DIOCESE DE COIMBRA - REDACÇÃO - BAIRRO DE S. JOSÉ, 2 - COIMBRA - TELEF. 28884
ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - GRÁFICA DE COIMBRA - TELEF. 22857

DIA NACIONAL DAS MIGRAÇÕES

Vai realizar-se no próximo dia 9 de Janeiro o Dia Nacional das Migrações.

O tema deste ano é dedicado à juventude.

Fácilmente se depreende a importância que têm os jovens no «mundo» migratório. Segundo as estatísticas somam já centenas de milhares de jovens, que saindo do seu país procuram em longes terras melhor nível de vida, mais cultura e alguns mesmo uma certa aventura.

RAZÕES DESTA EMIGRAÇÃO

Se muitos emigram para seguir seus pais ou para juntar-se a eles — o problema dos jovens não há-de encarar-se separado do problema da sua família —, para outros a razão da partida já é diversa.

A maioria vai por motivos económicos — ter trabalho assegurado com salário mais elevado, melhor cobertura social e de previdência, tudo isto possibilitando melhoria de vida, divertimentos mais fáceis, mais cultura e estudos em alguns casos, tranquilidade na organização da sua vida e futuro e na constituição do seu lar.

Alguns partem mesmo sem precisarem, no desejo de co-

nhecer mundo. Daí uma instabilidade sentida entre os jovens, incertos em seu futuro e orientação de vida ou desejosos, por exemplo, de «dar volta à Europa».

Motivo latente, a comandar forças de pressão ao surto migratório, é a falta de mão-de-obra dos países de destino. A emigração é sem-

pre sangue novo nos países que recebem, super-desenvolvidos quase sempre, mas recusando aceitar filhos que colmatassem as brechas abertas pelos que deixam o trabalho ou pelas novas indústrias e actividades.

E são os filhos de outros, oriundos de países mais po-

(Continua na pág. 2)

S I N T O M A S

★ SEPARATA

Os não assinantes do «Correio de Coimbra» podem finalmente seguir a discussão sobre «Fátima Desmascarada», desde o início. Os textos publicados acabam de ser editados em brochura. É uma separata exigida, em toda a força da expressão, pelos leitores do «Correio» e seus conhecidos. Houve quem, em longa carta, sem o mínimo toque nesse sentido, oferecesse mil escudos para embaratecer o seu preço.

Nunca os jornais se esgotaram como desta vez, por isso tiveram que ser emprestados. Fique, porém, bem claro que o «Correio de Coimbra», e muito menos o seu

Director, quer para si um centavo. Mãos limpas até ao fim. Se algum lucro a separata merecer (o gratuito empobrece!) que vá tudo inteiro para obra de carácter cultural e social.

Por este meio, vai o agradecimento a quantos, desde o Episcopado até às pessoas mas simples dos cumprimentos na rua, tiveram a gentileza de manifestar o seu contentamento.

★ É DE APROVEITAR

É verdade que o Natal caiu nas mãos do comércio, como elemento de forte incentivo para as vendas. O facto, em si, nada tem de mal. As ruas iluminadas, as montras com presépios e árvores, as confraternizações entre os membros das empresas, a distribuição de brinquedos às crianças, as festas nos clubes, embora não tenham como motivo primeiro a comemoração cristã do fantástico acontecimento de Deus ter vindo ao mundo, a verdade porém é que assentam nele. Os modernos meios de publicidade conseguem levar a todos os recantos uma vibração que a velha civilização doméstica desconhecia.

Compete agora à consciência cristã ir além da propaganda, aproveitando-se da vibração difundida para revigorar o cerne puro da Revelação. Compete-lhe aprofundar o sentido apostólico. Mas sem amaldiçoar ninguém, nem mesmo este aspecto da sociedade de consumo — que lhe escancara portas por abrir. Trata-se agora de saber aproveitar.

CASO E OPINIÃO

por ZACARIAS DE OLIVEIRA

NATAL HOJE

Pensando à nossa maneira, e atendendo aos relatos da história, quer-nos parecer que há dois mil anos o mundo ainda se não encontrava suficientemente fermentado para a vinda especial de Deus. Mas como o pensar de Deus nos ultrapassa e joga com outros dados que nos escapam, o Verbo divino encarnou e Deus inseriu-se de modo especial na história dos homens. Não como intruso: Veio para o que era seu, para ser mais um elemento activo neste fabricar contínuo da história.

Na maioria dos casos, gostamos de saber como vai o mundo observando o que nos rodeia. É um processo e não lhe negamos validade. Só que tantas vezes o miradouro não se olha a si mesmo, contempla e não medita. O Penedo da Meditação convida mais a meditar nos horizontes do que a entrar na alma.

Um outro processo de saber como vai o mundo é entrar em nós. Se o homem como tal é um microcosmos, um resumo de tudo quanto existe, cada homem pode considerar-se também em resumo dos resumos. E nestes dias apressados e em que tanto há que ver, pelos resumos bem

feitos podemos constatar as amplitudes.

Olhando cá para dentro, se somos realistas e não tentamos enganar o espelho, temos de reconhecer que este nosso mundo se não encontra fermentado para Deus. Embora falemos tanto e tanto de Deus, vamos procedendo como se Deus não existisse ou fosse mera palavra do dicionário, apenas escrita com maiúscula inicial. Isto é, palavra a que se tira o chapéu.

Não somos de Deus. Estaremos fermentados ao menos para Deus?

Vamo-nos conduzindo por nós mesmos, intentamos encontrar-nos argumentando que buscamos Deus, criamos caminhos quebrados a pensar nas rectas. Que nos conduz? A cabeça ou os membros? O pensar ou o instinto?

E concluímos então que, ainda nestes nossos dias, Jesus veio cedo. Demasiado cedo. Não nos encontrou despertos, ansiosos, na expectativa.

Mas Ele veio naqueles dias e veio hoje. Veio com realismo. Veio porque nós somos assim e por isso precisamos d'Ele. Veio porque seguimos por linhas quebradas. Veio por causa desta nossa realidade. Aceitá-Lo-emos?

★ FALTAVAM CADEIRAS

Aquela senhora, ao balcão do seu restaurante, perguntaram: — Então os seus, todos bem? E ela exuberante narrou como se reuniram, grandes e pequenos, umas vinte pessoas, sem cadeiras que chegassem, mas todos felizes pelo encontro. E, pelo Ano Novo, voltariam a reunir-se em sua casa, já que o Natal fora em casa dos pri-

(Continua na pág. 5)

ACERTAR O PASSO E ACTUALIZAR

Já várias vezes falámos em actualização de conhecimentos, em especial nos cursos de formação intensiva, que outra coisa não são do que actualizar os alunos de maneira a bem desempenharem as suas funções. Ora como ninguém irá ensinar o que se ensinava no passado mas aquilo que hoje importa saber, esta a razão de termos como se-

palavras ou ignoram que, embora de boa fé, faltam à verdade porque julgaram estar no bom caminho do entendimento e foram ludibriados porque não era o suposto o verdadeiro tema dos cursos.

Quando um profissional exerce a sua profissão, seja ela de que índole for, deve fazê-lo tendo em mira que o executa para ganhar a vida, é humanamente certo, mas mais do que isso terá de pensar que impende sobre ele a obrigação de se valorizar. Será a sua destreza e habilidade manuais, será o adquirir maior segurança na execução, será o conseguir produzir mais e melhor, etc., isto se for um operário. Para isso lá estão os livros, os cursos de aperfeiçoamento, os ensinamentos dos chefes ou mestres, o próprio cinema e televisão com os filmes da sua especialidade. Será defraudar a empresa, o contratador, o cliente que confia nele, o ter cristalizado, como que enquistado nos

(Continua na pág. 8)

A PALAVRA DO PAPA

A Paz é obra da Justiça. Mas a Justiça exige trabalho e sacrifício.

Disse Paulo VI na sua alocução de 15 de Dezembro de 1971: «Mas, precisamente desta sede, o Nosso convite para celebrar a Paz, tem um cunho de convite para praticar a Justiça: «A Paz será obra da Justiça». E repetimo-lo hoje com uma fórmula mais incisiva e dinâmica: «Se queres a Paz, trabalha pela Justiça».

«Trata-se de um convite que não desconhece as dificuldades para se praticar a Justiça: para a definir, num primeiro momento, e para a actuar, em seguida; o que nunca será possível, sem alguns sacrifícios do próprio prestígio e dos próprios interesses».

O verdadeiro humanismo leva a Cristo

São da mesma alocução as seguintes passagens:

«A Sua presença (de Jesus) segue-nos; se abrimos os olhos para a Sua luz, ilumina-nos; se os fecharmos, persegue-nos. Quem se interessa pela literatura contemporânea sabe que a figura ou a mensagem de Cristo aparecem, quase por lógica inevitável, no cenário humano, embora radicalmente profano e até hostil para com Ele.

«Porque existe esta lógica, esta necessidade do pensamento e da experiência humana de encontrar Jesus? Porque, segundo Nos parece, Ele ocupa as posições estratégicas dos dois caminhos inevitáveis: um, que leva ao homem; e outro, que leva a

(Continua na pág. 1)

pelo
Eng. J. de Sousa Brandão

melhantes a ideia de actualização e cursos de formação. Não podemos no entanto generalizar, porque há casos em que assim não é, em especial nas profissões liberais.

Não é meu intuito vir hoje retomar qualquer dos temas acima indicados, mas sim aclarar situações e arrumar ideias no espírito daqueles que confundem o verdadeiro significado das